

São Vicente

# México 70 ainda resiste à urbanização

Criada em uma época de glória para o futebol nacional, favela permanece com um pé no passado, fora dos programas habitacionais

VICTOR MIRANDA  
DA REDAÇÃO

Na intermediária defensiva, Gerson dá um passe curto para Clodoaldo, que dribla quatro e toca para Rivellino. Este faz um lançamento longo para Jairzinho no campo de ataque. O Furacão engana seu marcador e distribui o jogo para Pelé. O Atleta do Século vê a passagem do lateral Carlos Alberto, que bate cruzado, fazendo 4x1 para o Brasil contra a Itália na final da Copa de 1970.

Um dos gols mais famosos da história das Copas do Mundo se- lou aquela que, para muitos, foi a melhor seleção de todos os tempos. O Brasil conquistava o tricampeonato mundial no México. Delá para cá, não faltaram honrarias àquele brilhante escrete.

Uma das mais curiosas homenagens veio de São Vicente. Em um núcleo habitacional irregular que começava a ganhar corpo justamente no período em que o Brasil encantava o mundo com o seu futebol, nascia a favela México 70.

Ao contrário da beleza e da leveza que a Seleção Canarinho proporcionava à época, a favela se destacava pela miséria e crescimento desordenado, aliados à falta de condições de higiene e saneamento básico. Pior: a México 70 – que chegou ao ingrato status de ser uma das cinco maiores favelas do Estado de São Paulo – só existe graças a algumas *ajudinhas* do Poder Público.

## OSURGIMENTO

Para contar a história daquela que por muitos anos foi a maior favela da região, é preciso voltar ao tempo em que o local ainda era um manguezal intacto.



FOTOS PAULO FREITAS

Comparando-se a foto atual das palafitas (acima) com a imagem da década de 70 (ao lado), nota-se que praticamente nada mudou na favela...

No final da década de 1950, o extinto Departamento Nacional de Obras e Saneamento (DNOS) isolou um grande espaço daquela região e construiu um dique. A ideia era incentivar o plantio de arroz naquele local. Acontece que o solo não era propício e o projeto não progrediu. Mas a letra de que aquele espaço poderia ser ocupado foi dada.

Pouco a pouco as primeiras moradias de madeira foram erguidas. Beirando o Canal dos Barreiros, a vista era bonita, os peixes abundantes, e a saída para o mar, fácil. Menos de dez anos depois, a área era compo-



ARQUIVO

ta por alguns loteamentos que podiam ser negociados diretamente com particulares.

As facilidades de invasão de novas áreas tornaram-se mais comuns a partir de 1969 – daí a relação com a Seleção de 70. Onde havia alguns barracos

isolados, passou a ser cada vez mais um crescente amontoado de moradias sub-humanas.

O atual secretário de Projetos Especiais da Prefeitura de São Vicente lembra bem do cenário que encontrou ao chegar ao local, em 1977, como membro da

equipe do governo do ex-prefeito Koyu Iha. “Existia um piscinão no México 70, que fazia o contorno do bairro. Esse piscinão protegia a Vila Margarida do avanço da maré.”

Segundo ele, nas ocasiões em que a maré subia e aconteciam chuvas fortes, os alagamentos eram inevitáveis e muitos barracos acabavam destruídos. “Tínhamos que improvisar alojamentos em escolas para receber centenas, milhares de pessoas. Era terrível”, lembra. O problema era maior porque muitos dos invasores faziam as casas sobre o piscinão. “Eram baixas, quase no mesmo nível. Não tinham como seguir ali”, complementa.

Como se não bastasse o problema, Paulo de Souza lembra que um vereador da época deu início a um sórdido processo de apoio à invasão. “Não vou dizer o nome porque já faleceu. Mas ele financiava manilhas e dava respaldo às invasões.”

Um outro funcionário da Prefeitura, que prefere não se identificar, confirma a acusação. Segundo ele, nas eleições seguintes, outros vereadores começaram a trocar tábuas e telhas em troca de votos. “Alguns ainda são vivos. Não estão mais na política, mas são atuantes na Cidade”.

O resultado desse apoio *quase oficial* não tardou a aparecer. Em 20 anos o número de barracos e palafitas se multiplicou. Em meados dos anos 1990, a estimativa é de que mais de 50 mil pessoas habitavam na México 70 praticamente sem infraestrutura e saneamento básico. Um grande monstro que o Poder Público indiretamente ajudou a criar.

## Moradores enxergam melhorias

Selma Carvalho Nunes, de 57 anos, ainda vive na México 70. E se diz testemunha viva do processo de transformação da favela. Ela sabe que ainda falta muita coisa para o local ser considerado um bom lugar para se morar. No entanto, ao olhar para trás, entende que o pior já passou.

A julgar pela sua própria vida. Com nove filhos para sustentar e sem muitos recursos, Selma comprou um barraco na favela há 25 anos. À época, pagou 3 mil cruzados. “Era de madeira, bem apertado, com quarto, cozinha caindo aos pedaços e um banheiro sem chuveiro de onde era possível ver o chão.”

As ruas eram de lama. Não havia iluminação. As palafitas avançavam sobre a maré. “Por incrível que pareça, a minha realidade era das melhores ali”, comenta. Em dias de frio, o vento invadia o barraco pelas frestas e fazia todos tremerem.

Apesar de seguir no bairro, Selma e a família não estão mais nesse barraco. E sonham com o dia que sairão dali definitivamente. “Melhorou muito, mas espero a hora em que vou ser chamada para morar em uma casa longe daqui”, resume.

## NOVA VIDA

Sorte maior teve Regiane Blanco, que desde o começo do ano passou a morar com os três filhos em um conjunto habitacional no Parque Bitaru. Para ela, que viveu na México 70 por dez anos, a vida está começando agora. “Melhorou 100%. Voltei a sonhar”, relata.

Ao se divorciar do marido, Regiane queria um lugar acessível para viver. Vendeu seu carro por R\$ 22 mil e gastou o dinheiro comprando uma moradia na favela. “Quando cheguei, achei tudo terrível.”

Ela lembra que não havia esgoto no núcleo. E, como morava em cima de um canal, o cheiro era terrível e as janelas ficavam trancadas o tempo todo. “Falando claramente, nós morávamos em cima da nossa privada”, explica.

Regiane também cita transformações com a violência e o tráfico de drogas. “Sem contar o medo de incêndio. Se um barraco pega fogo, ninguém mais segura. A gente dormia todas as noites com esse medo”.

## Depois de Mário Covas, processo não avançou

À medida que o núcleo habitacional conhecido como México 70 foi crescendo, as cobranças por obras de infraestrutura se multiplicaram. As primeiras ações tentando urbanizar o local vieram no Governo Koyu Iha (1977-1981).

Para o ex-vereador Paulo de Souza, porém, a grande cartada foi dada durante a gestão de Luiz Carlos Luca Pedro. “Ele teve a percepção de que não daria para mudar aquele local sem aterrar o piscinão que existia ali”, justifica.

Entre a percepção e a realização de uma obra efetiva, foi um longo trajeto, que demorou anos entre projeto e conclusão. Paralelamente, as precárias condições de higiene eram perfeitadas para o crescimento de epidemias. “Lembro da epidemia do cólera, por volta de

1992, que matou muita gente. E outras, como sarampo, que deixaram marcas fortes”.

## TRANSFORMAÇÃO

Ciente do desafio, o prefeito Luca começou a buscar aporte financeiro junto ao Governo do Estado. Algo que só foi sinalizado com a posse de Mário Covas, em 1995. No ano seguinte, Márcio França foi eleito chefe do Executivo vicentino e deu sequência às tratativas. E o retorno foi positivo.

“O Covas foi o grande nome da transformação da México 70. Ele resolveu assumir o desafio e colocar a mão na massa. Incorporou a Companhia de Desenvolvimento Habitacional Urbano (CDHU), empenhou recursos e conseguiu licença ambiental”, lembra Paulo de Souza.



ARQUIVO

Já debilitado pelo câncer, Covas fez a última visita à favela em 2000

O tal piscinão recebeu aterro por um sistema de bombeamento hidráulico, que tirava areia do Canal dos Barreiros e lançava dentro dele. Depois, foi iniciada a preparação das vias de acesso. Por fim, as primeiras remoções a conjuntos

habitacionais. Um segundo piscinão foi criado em local estratégico a fim de receber o excesso de água do local.

Tamanha a complexidade da ação, o governador passou a ter um carinho especial pela México 70. Em 2000, já debilitado pelo câncer que acabaria levando-o a óbito, Covas fez questão de visitar as obras dos conjuntos habitacionais do núcleo. Em uma cadeira de rodas e chapéu de palha, foi ovacionado pelos moradores e não conseguiu esconder o sorriso.

“Foram 15 anos de obras para dar início às condições de transformação da favela. Agora que a transformação está começando”, ressalta Paulo de Souza, em meio a um lamento. “O Covas morreu sem ver os resultados do seu trabalho. Mas o reconhecimento está aí”.



PAULO FREITAS

A remoção das famílias para conjuntos habitacionais é inevitável

## Extinção das palafitas foi adiada para 2014

Até que a México 70 seja totalmente urbanizada, regularizada e, quem sabe, reconhecida como bairro, é inevitável que se façam as remoções das palafitas em paralelo às obras de infraestrutura. A expectativa é que esse desafio esteja concluído até 2014. Em outras palavras, significa que em dois anos a favela pode ser extinta.

É bom lembrar que esse já seria um prazo esticado. Afinal, a estimativa inicial da atual administração era de que ao final de 2012 a área insular não teria mais palafitas. Segundo o secretário de Habitação, Luiz Liberato, algumas obras tiveram pro-

blemas e o prazo foi adiado – casos dos conjuntos Penedo e Primavera, no Jóquei, que estão parados há vários anos por problemas com a Caixa.

“Nós contávamos com algumas obras que não ficaram prontas a tempo. Mas o importante é lembrar que já temos a maior parte das verbas do Estado e, principalmente, do Governo Federal empenhadas”, diz.

Em números absolutos, os projetos da secretaria preveem a remoção de 2.546 famílias para moradias populares em dois anos – destas, 574 já foram entregues e outras 200 serão ainda este ano.

Outros 2.613 imóveis de alvenaria foram regularizados pelo Programa Papel Passado, do Governo Federal – a área pertencente à União. E um novo levantamento de moradias que ainda podem entrar no mesmo projeto deverá ser iniciado a partir de 2013.

Segundo o secretário, a celeridade no processo tem como justificativa a criação de uma secretaria específica para a Habitação no Município. “Teve início no primeiro ano do governo do prefeito Tercio Garcia e, desde então, foi possível agilizar as remoções”, justifica.

A ideia da Prefeitura é retirar

especialmente as palafitas localizadas na chamada franja da México 70, ou seja, na beira do Canal dos Barreiros. Uma vez removidos os barracos, a urbanização precisa entrar imediatamente, de modo que novas invasões sejam coibidas.

Em fotos tiradas por *A Tribuna*, no entanto, é possível observar que alguns telhados de palafitas são mais claros do que os demais. O que indica que foram construídos mais recentemente e que, de alguma forma, o controle das novas construções ainda não foi plenamente alcançado.